

### A GUERRA JUDAICA - FLÁVIO JOSEFO PRÓLOGO DA OBRA

Seleção, tradução e comentários de Alex DEGAN\*

(1) A guerra dos Judeus contra os romanos é a maior, não só de nosso tempo mas, de certo ponto, de todas aquelas que, segundo a tradição, ocorreram entre cidade e nações. Entretanto, dos que escreveram sua história, uns, que não tomaram parte nas ações, utilizaram relatos orais contraditórios, os editando conforme o estilo retórico; outros, os que foram testemunhas dos eventos, os alteraram ou para agradar os Romanos ou por ódio aos Judeus, contendo seus escritos alternâncias entre invenções e bajulações, mas nunca um relato histórico exato. Nestas circunstâncias, eu, Josefo, filho de Matias, hebreu de nascimento, natural de Jerusalém, sacerdote e que inicialmente tomei parte na guerra contra os Romanos, me propus relatar em grego esta história, para uso dos que vivem sob a hegemonia romana, traduzindo a obra que anteriormente compus em meu idioma materno, para uso dos bárbaros do interior.

(2) Eu falo de um acontecimento de grande magnitude. Os Romanos estavam envolvidos em desordens internas. O grupo revolucionário judaico, que no momento se achava com forças e recursos plenos, aproveitou da turbulência da época para a sedição. Como resultado deste distúrbio, todo o Império do oriente foi afetado; os insurgentes tinham esperanças de conquistar todo oriente, enquanto seus oponentes tinham medo de perdê-lo. Assim, os Judeus tinham expectativas de que seus conterrâneos hebreus que habitavam o outro lado do Eufrates, levantassem também em revolta. Aos Romanos, por sua parte, preocupava a atitude que adotariam frente aos seus vizinhos, os Galos e os Germanos, que não estavam tranquilos. Depois da morte de Nero, instalou-se

uma confusão universal; muitos, incitados pela oportunidade, aspiravam obter o principado e, na esperança de botins, a soldadesca motivava mudanças.

Pensei, por conseguinte, que se tratando de acontecimentos de tanta importância, seria um absurdo deixar a verdade perder-se. Além disto, se os Partos, Babilônios, as mais remotas tribos da Arábia, os nossos compatriotas do outro lado do Eufrates e os habitantes de Adiabene conheciam, graças ao meu trabalho de apurado conhecimento, a origem da guerra, suas várias e dolorosas fases que marcaram seu desenvolvimento e desfecho, não deviam, os Gregos e aqueles Romanos não engajados na campanha, ignorar tal matéria somente porque recebiam narrativas ficcionais e bajuladoras.

(3) Se, contudo, é presumido dar o título de histórias aos escritos em questão que, em minha opinião, não só não informam nada de acertado como também não respondem aos objetivos de seus autores. Existem escritores, que desejando representar a grandeza dos Romanos e de sua nação, não deixam de continuamente caluniar e menosprezar as ações dos Judeus. Entretanto, eu não vejo, em verdade, como a conquista de um povo débil pode ser tida como grande. Por outro lado, se estes escritos não consideram a prolongada duração da guerra, nem o enorme número de soldados Romanos que duramente sofreram e nem o prestígio dos generais, com colossais esforços frente Jerusalém, a façanha é rebaixada, eu imagino, de modo desprezível.

(4) Eu não me proponho rivalizar com os que exaltam a glória dos Romanos, exacerbando as proezas dos meus

\* Professor da Faculdade de História PUC-Campinas e mestre em História pela USP.

compatriotas. Relatarei exatamente os feitos de ambos os combatentes. Entretanto, em minha apreciação dos eventos, eu não poderia abstrair meus próprios sentimentos e nem negar ao meu lamento a liberdade de chorar os infortúnios de minha nação. Pois, de fato, foi a dissensão civil que a arruinou e foram os tiranos judeus que jogaram, para cima do Santo Templo, as mãos dos Romanos, como testemunha o próprio César Tito, autor da devastação; ele que durante toda a duração da guerra condeu-se com o povo submetido pelos revolucionários, muitas vezes postergando voluntariamente a captura da cidade e prolongando o sítio, tratou de dar aos culpados tempo para o arrependimento. De qualquer maneira, é possível criticar a censura que meus escritos fazem dos tiranos, das turbas de bandidos ou minhas lamentações pelas desgraças de minha nação; no entanto, é necessária compaixão pela minha dor, mesmo que isto seja contrário aos regramentos do gênero histórico. Pois de todas as cidades submetidas ao domínio romano, a nossa foi a única que depois de ter encontrado a maior prosperidade voltou a cair na mais profunda desgraça. Na verdade, em minha opinião, as catástrofes sofridas por todas as nações desde o começo do mundo, parecem inferiores se comparadas com a dos Judeus; e, como não são os estrangeiros os culpados, me foi impossível conter minhas censuras. Não discutirei com os críticos severos a respeito da emoção: que atribuam os fatos a história e as lágrimas ao historiador.

\*

Nosso objetivo, neste pequeno e sucinto comentário, é localizar o documento e seu autor dentro de um contexto, apontando possibilidades de leituras. No caso do fragmento selecionado, do prólogo de “*A Guerra Judaica*”, devemos nos atentar ao esforço metodológico de Josefo; ainda consciente e vaidoso de sua tradição sacerdotal farisaica, sua obra segue estreitamente o modelo de gênero histórico praticado por gregos e latinos. Josefo é, com muita originalidade, um historiador que trabalha dentro das tradições hebraica e helenística.

Flávio Josefo, sacerdote, general e historiador, nasceu em Jerusalém, durante o primeiro ano do reinado de Calígula (entre os anos de 37 ou 38). Por conta de sua carreira política e religiosa, tomou partido no levante judaico contra Roma em 66. Em sua história da guerra dos judeus e romanos, *A Guerra Judaica*, conta que após sua captura em Jotapata, recebeu a missão divina de predizer ao general Vespasiano seu futuro como imperador. Verdadeira ou falsa a profecia, o certo é que após este incidente, Yosef ben

Mattitiahou ha Cohen deixa de figurar exclusivamente na história hierosolimitana para, como Titus Flavius Josephus, produzir uma importante obra do gênero histórico na corte da dinastia Flávia.

No fragmento selecionado observamos sua estreita ligação com uma tradição historiográfica greco-romana, que configurava um gênero literário. Josefo, que escreve em grego, língua culta no império e espécie de “segundo idioma oficial” do estado romano, deseja se vincular a esta tradição, iniciada com Heródoto e Tucídides. Mais do que a eleição da língua helena como meio para expressar sua leitura do evento narrado, devemos considerar que, ao escrever em grego, Josefo enfrenta um colossal trabalho de traduzir e interpretar em idioma estrangeiro termos e conceitos judaicos, intimamente estruturados em hebraico. Neste sentido, podemos observar que sua obra, adotando o grego, reflete a situação dos judeus da diáspora no império.

Seguindo o modelo de história estabelecido por Tucídides, Josefo se preocupa em buscar as causas profundas de grandiosos eventos contemporâneos, sendo ele mesmo testemunha de tais acontecimentos. Como Políbio, presente no cerco aos cartagineses, ou Tucídides, ativo nas guerras dos atenienses contra os lacedemônios, o historiador judeu figurou, inicialmente, nas fileiras hebraicas e, posteriormente, acompanhou os romanos em suas vitórias na Palestina. Esta característica, expressa no fragmento selecionado, é recorrente em seus modelos clássicos, já que o relato mais próximo da veracidade era entendido como o que foi produzido por um autor envolvido, testemunha, das ações descritas. Neste sentido, podemos ressaltar outra observação, contida no fragmento, refletida na censura que Josefo faz dos relatos anteriores ao seu, qualificando os mesmos como falhos, relapsos, contraditórios e mentirosos por dois motivos específicos: seus autores ou estão ocupados em narrar acontecimentos que não viveram, ou estão interessados em desenvolver relatos que bajulam os romanos e desmerecem a imagem dos judeus. Tais formulações, a de qualificar sua obra como a mais próxima da verdade e, em decorrência, o descrédito dos relatos anteriores, também coloca sua obra dentro dos modelos clássicos da historiografia romana e grega.

Outra característica fundamental da historiografia clássica desenvolvida por Josefo é a qualificação do evento narrado como o mais grandioso e importante se comparado com os outros de mesma natureza, o princípio *axiológico*. As impressionantes palavras iniciais de

Tucídides, no prólogo de sua “*Guerra do Peloponeso*”, descrevendo o evento narrado como “*a maior comoção para os helenos e para uma parcela dos povos bárbaros*” ( I, I, 2), em outras palavras, como a maior de todas as guerras já havidas, estão contidas também no prólogo da obra de Josefo. Tal influência da matriz metodológica tucidiana na obra do historiador judeu, ao nosso ver, deve ser entendida como fruto da enorme apreciação que Tucídides gozava na Antigüidade dentro do gênero, fato que reforça ainda mais sua vinculação com a historiografia clássica.

Também podemos observar, dentro desta percepção, que Josefo, seguindo seus antecessores gregos, prefere abordar temas contemporâneos ou quase contemporâneos, praticando a *autopsia*. Sua obra deseja produzir uma reflexão acerca de um importante evento para a história recente dos judeus, a grande revolta judaica, assim como observa

a eleição dos Flávios ao trono de Roma, relevante para todo império.

Temos, então, um quadro interessante de correspondências entre os esquemas gerais de “*A Guerra Judaica*” e a historiografia antiga clássica: uma *autopsia* interessada num evento contemporâneo, evento este classificado como grandioso (o princípio *axiológico* da narrativa – a questão da grandeza), o descrédito que as obras anteriores recebem e as qualificações de seu relato, além do uso respeitoso do grego *koiné*. Tais considerações são de grande importância ao historiador contemporâneo sensível ao ambiente cultural e intelectual sentido no mundo romano do século I.

Fonte: *The Jewish War. Books I-III*. (1989). Edição estabelecida por H. St. Thackeray. Londres, LOEB Classical Library.

